

Prof. FRANCISCO DE ASSIS OLIVEIRA MARTINS

A OBRA SALESIANA EM PORTUGAL



LISBOA
TIP. OFICINAS DE S. JOSÉ
1942

1898

THE UNIVERSITY OF
CHICAGO

EMERSON

AND HIS TIMES

BY ALFRED R. FOSBERG

O século XIX

As perturbações de ordem militar e política de natureza externa e interna, sofridas pelas nações quando do advento do liberalismo e durante o seu estabelecimento, fizeram esquecer, entre outros problemas, o da regeneração da criminalidade infantil.

Em Portugal, desde 1780 até à entrada em Lisboa das tropas francesas, invasoras, foi o magno problema da regeneração, quer da infância, quer dos adultos, larga e sàbiamente observado na «Casa da Fôrça» e na «Casa Pia», instituições que funcionavam no Castelo de S. Jorge. Na Casa Pia eram os delinquentes menores sujeitos a uma doutrinação especial tãda baseada na prêdica cristã.

Fechado o Instituto aos gritos de vitória das tropas de Junot, que no Castelo de S. Jorge se acantonaram, por largos anos ficou esquecido entre nós o magno problema da regeneração dos menores.

O Apóstolo do século XIX.

Oito annos decorridos sôbre os acontecimentos a que aludimos e que corresponderam ao desaparecimento temporário da instituição modelarmente cristã, que Diogo Inácio de Pina Manique criára, nasceu na Itália, em Castelnuovo d'Asti (16-8-1815), no momento já do declínio das armas Napoleónicas, Dom João Bosco, aquêle que, num milagroso futuro, daria todo o vigor e entusiasmo da própria vida à cruzada de salvação dos pequeninos desamparados.

Iniciada a grande cruzada de São João Bosco em 1841, na cidade de Turim, prontamente tomou tal brilho e êxito, pela prédica do grande apóstolo, que êste conseguiu autorização do Ministro do Interior da Itália, Urbano Rattazzi, para lhe serem confiados até os pequenos criminosos internados na prisão governativa «Generala». (1)

Um imitador de D. Bosco em Portugal.

Foram as vozes de D. Bosco e, por fim, o seu directo conselho, que inspiraram ao Rev. P. Sebastião de Vasconcelos, mais tarde Bispo de Beja, a fundação da *Officina de S. José do Pôrto*, em 4 de Outubro de 1883. (2)

(1) Convém advertir aqui que Dom Bosco, depois do que viu e observou nas prisões, resolveu fundar a *sua obra*, que é propriamente e principalmente — não *obra de correcção*, mas sim de *prevenção* ou *preservação*, trabalho em que, no dizer de Pio XI, de saúdosa memória, foi — «o gigante propugnador da educação cristã da juventude».

(2) É êle mesmo que assim se expressa numa conferência pronunciada na Igreja da Encarnação de Lisboa em 18 de Janeiro de 1901: «Um sa-



O Servo de Deus
P.º Miguel Rua

Superior Geral da Congregação Salesiana, quando os Filhos de S. João Bosco vieram para Portugal (1894) para dirigirem o Colégio dos Órfãos de S. Caetano, em Braga. Visitou Portugal duas vezes.



P.º Pedro Cogliolo 1.º Inspector dos Salesianos em Portugal.



P.º Hermenegildo Carrá, actual Inspector Salesiano em Portugal.

Rev. P.º Pedro Ricaldone

actual Superior Geral dos Salesianos. Rege os destinos da Congregação desde Maio de 1932. E' o 4.º Sucessor de S. João Bosco e conhece quasi tôdas as Casas Salesianas. Visitou Portugal em 1931.





Lisboa (Of. S. José) — Grupo geral, recordando a visita dos Srs. P. es Berruti e Zigiotti, membros do Capítulo Superior.

O bondoso sacerdote repetia, em Portugal, seguindo a palavra de Dom Bosco, as benemerências que o Santo praticava, freqüentando assiduamente a Cadeia da Relação do Pôrto, onde bastas vezes foi buscar para o seu hospício o delinqüente que afiançara.

Na sua «Oficina de S. José» começada numa modesta casa da Rua de Trás da Sé, n. 15, o fundador era tudo: angariador de donativos, professor de moral, professor primário, e até mestre de carpinteiro dos infelizes que, se não fôra a sua mão benfazeja, estariam inteiramente perdidos para a Sociedade!

Ao cabo de sete anos de incessante trabalho, adquiriu a Oficina de S. José sede própria, devido, principalmente, ao auxílio de Manuel Esteves Ribeiro. O benemérito mereceu das mãos da Duquesa de Palmeira passar-lhe o busto ao mármore de Carrara.

Embora não tenha sido a fundação do P. Sebastião de Vasconcelos entregue do início aos cuidados dos Salesianos, sem dúvida a Oficina de S. José, do Pôrto, pode-se bem dizer que foi a primeira afirmação do espírito salesiano em Portugal, como acima ficou declarado.

Tais foram os benéficos resultados tirados da activa e constante actuação do fundador da «Oficina» que, em 8 de Dezembro de 1889, o arcebispo de Braga D. António José de Freitas Honorato, auxiliado pelo Rev. P. Sebastião de Vasconcelos, abriu uma outra *Oficina de S. José* em Braga, ao passo que o Cardeal Patriarca de Lisboa, Dom José Neto, fundava, nos baixos do Palá-

cerdote português, inspirado na imortal obra de D. Bosco, tratando pessoalmente com Ele, ouvindo os salutareos conselhos, de seus lábios escutando paternais avisos, inicia essa obra não menos divina e três vezes santa que tem por fim a regeneração do jovem decaído — a Oficina de S. José do Pôrto — a primeira de tôdas as Oficinas, na ordem da sua fundação».

cio Patriarcal de São Vicente, uma casa de educação para rapazes a que deu o nome de *Patronato de S. Vicente*, estabelecimento de que adiante falaremos, pois, mais tarde, a sua direcção foi entregue aos cuidados dos P.^{os} Salesianos, como a *Oficina de S. José* do Pôrto.

Chegada dos Salesianos a Portugal.

Entrada a Sociedade Salesiana na fase de expansão universal, chegaram à terra portuguesa, à cidade de Braga, em 1894, os primeiros salesianos.

Na Roma Portuguesa existia o *Colégio dos Órfãos de S. Caetano*, hospício que se destinou à protecção dos órfãos, expostos e desamparados.

O Colégio tinha tradições, pois fôra fundado nos fins do século XVIII, pelo Arcebispo de Braga D. Frei Caetano Brandão, sob a designação de «Seminário dos Meninos Órfãos».

Pelos fins do século XIX tinha o hospício por director o benemérito e santo sacerdote Dr. Francisco Rodrigues da Cruz e, por provedor da Comissão Administrativa do Colégio, o Dr. António Brandão Pereira.

Foi o Dr. Francisco Rodrigues da Cruz quem, entusiasmado com a obra salesiana, mais activamente contribuiu para a vinda dos filhos de São João Bosco para Portugal, expondo ao então Arcebispo de Braga, D. António José de Freitas Honorato, a conveniência de entregar a direcção moral e pedagógica do Instituto bracarense aos Padres Salesianos, no que o Snr. Arcebispo concordou.

Alegremente o Dr. Cruz, de acôrdo com o benemérito Provedor do colégio, comunicou o resultado das suas negociações à Direcção da Sociedade Salesiana, que com prontidão enviou a Braga o seu inspector na

Península Ibérica, P.^o Filipe Rinaldi, a-fim-de visitar as instalações do hospício. O Rev. P.^o Rinaldi não só levou as melhores impressões da sua visita, mas ainda trabalhou com interêsse para que os salesianos se viessem estabelecer em Portugal.

Em 8 de Novembro de 1894, os salesianos P.^o Pedro Cogliolo, P.^o Angelo Bergamini e o Cl.^o José Galli tomaram conta da direcção interna do hospício.

No *Colégio dos Órfãos de S. Caetano* havia aulas de instrução primária, musica vocal e instrumental, e desenho. A parte professional era constituida por alfaiataria, sapataria e marcenaria.

No intuito de alargarem o âmbito das actividades culturais criaram os Salesianos aulas de portugûes, francês e latim, indo os alunos fazer os seus exames ao Seminário, ao passo que os aprendizes das oficinas, de maiores faculdades de espirito, freqüentavam à noite as aulas de portugûes e matemática, da Escola Industrial.

Todo o labor das aulas e das oficinas se fazia sob as vistas da linda imagem de Nossa Senhora Auxiliadora que o primeiro director salesiano mandou vir das Oficinas Salesianas de Sarriá (Barcelona).

A entronização de Maria Auxiliadora no Colégio pôs a cidade em festa. A imagem foi benzida pelo Snr. Arcebispo, no paço arquiépiscopal, e levada processionalmente até à igreja de São Pedro de Maximinos, sede paroquial, e daí levada, outra vez processionalmente, ao local definitivo, onde foi colocada no trono de flores e lumes por entre cânticos devotos da multidão assistente.

Vinda dos Salesianos para Lisboa.

Dois anos decorridos foram os P.^{es} Salesianos convidados pelo Monsenhor Herculano Cordeiro a dirigir a escola-oficina de que êste sacerdote era director, em Lisboa.

O hospício da capital pertencia à Associação Protectora de Asilos e Oficinas para Crianças Pobres do Sexo Masculino, instituição fundada em 1888.

Aceitaram os P.^{es} Salesianos a direcção interna do hospício, que então se achava domiciliado na Rua do Sacramento à Lapa, e que já tinha o nome de *Officinas de S. José*. A direcção do novo instituto foi entregue ao Rev. P.^o Cogliolo, que, em Braga, foi substituído pelo Rev. P.^o Luis Maria Sutera.

O hospício contava apenas 40 a 50 crianças, não podendo a sua lotação ir além de 60, dada a exiguidade da casa em que estava instalado.

Na rua do Sacramento à Lapa, apenas havia oficinas de sapateiro, alfaiate e marceneiro.

Entre a sociedade lisboeta aumentava dia a dia o entusiasmo pela obra salesiana, para cujo incremento muito contribuiu a intelligência e distinto trato dos sacerdotes que, para Portugal, foram enviados. As razões apontadas e a necessidade cada vez mais ingente de educar a mocidade pobre, nos princípios da religião cristã e nos hábitos do trabalho, permitiram à fundação salesiana alargar os seus planos, concebendo a ideia da criação, em Lisboa, dum grande hospício, à semelhança daqueles que os P.^{es} iam levantando pelas grandes capitais da Europa e da América.

Em 31 de maio de 1899 entraram os P.^{es} Salesianos na posse de 18.000 metros quadrados de terreno, na travessa dos Prazeres, à Rua de Saraiva de Carvalho. O terreno foi dado à Instituição pelo bene-

mérito amigo dos Salesianos, Marquês de Liveri e Valdausa.

O projecto era bastante vasto, representando a parte que está concluída a quarta parte do projecto ideado pelo architecto Mário Ceradini.

Entretanto, em 18 de Outubro de 1901, foram aprovados pelo govêrno portuguez os estatutos da Pia Sociedade de São Francisco de Sales, à qual ficariam pertencendo as Oficinas de São José.

Inauguração de novos edificios.

Tornada juridicamente regular a actividade da Sociedade Salesiana, em Portugal, logo tiveram início as obras de construção do grandioso edificio destinado às Oficinas de São José.

No primeiro de Dezembro de 1905 começou a transferênciã das Oficinas para as novas instalações, tendo-se realizado a inauguração solene da casa nova em 19 de março de 1906.

Como é óbvio, maiores proporções tomou no novo edificio a actividade profissional. Assim além das oficinas de alfaiate, sapateiro e marceneiro, já existentes na Rua do Sacramento, criaram-se no novo hospício oficinas de composição, impressão, encadernação e carpintaria.

Quando da inauguração das Oficinas de São José, o jornal «O Século», jornal insuspeito por nitidamente republicano, quando republicano queria dizer anti-clerical, inscreveu nas suas colunas as seguintes apreciações:

«Na terça feira, 20 de Março passado, o «Século», aproveitando a inauguração da parte já construída do grandioso instituto salesiano da capital, dedicou-

«-lhe um longo artigo ilustrado com retratos do emi-
«nente P.^o Miguel Rua, sucessor de D. Bosco, e do
«virtuoso Padre Cogliolo, director da escola profissio-
«nal de Lisboa. Então descrevemos, com meticoloso
«cuidado e vivo interêsse, o que é materialmente, e o
«que moralmente vale essa casa de regeneração moral
«e de educação profissional. Mostrámos como a mais
«perfeita bondade evangélica, associada à mais adian-
«tada pedagogia, convertia essa Instituição num dos
«engenhos mais formidáveis até hoje inventados pela
«virtude e pela caridade contra o vício, o crime e a
«desgraça... E diante dessas aulas claras, dessas ofi-
«cinas maravilhosamente instaladas, dêsses dormitó-
«rios rebrilhantes de asseio, dessa alimentação sadia e
«nutritiva, dos motivos artísticos e sentimentais que
«por tôda a parte solicitam a mente para um convívio
«alto e nobre, não puderam conter-se os nossos infor-
«mantes que não exclamassem: O' santo culto da bon-
«dade, o que seria da terra se um cataclismo moral
«te subvertesse?»

«O escopo da pedagogia moderna consiste em
«adaptar a criança ao meio social, económico, político,
«democrático, científico, intelectual e religioso con-
«temporâneo; em preparar criaturas fisicamente fortes;
«naturezas resolutas e corajosas; espíritos inteligentes
«e cultos, cérebros equilibrados vendo perto e claro;
«almas de fé intrépida e raciocinada; cidadãos de um
«patriotismo ardente, prontos a acudir ao primeiro
«apêlo do País, finalmente, homens de acção, capa-
«zes de resoluções e iniciativas e convencidos de que,
«na luta pela vida moderna, a vitória cabe ao mais
«resistente, ao mais perseverante, ao mais digno. Isto
«pretende, isto consegue a obra imortal de D. Bosco,
«tanto mais meritória quanto os seus pupilos se re-
«crutam exclusivamente entre a infância vagabunda e
«abandonada, entre aquêles que não tem pai, nem mãe,

«nem irmãos que olhem por êles... ou, o que é pior, «entre aquêles que na família, em vez de um amparo, «encontram o mais terrível instrumento de perversão «moral. Fazer, portanto, votos, por que às *Officinas «de São José* as esmolas afluam, mais bastas do «que as estrêlas do céu e as areias do mar, é pres- «tar-lhes o serviço mínimo que os seus pios fundado- «res podem e devem reclamar duma sociedade inteli- «gente, culta e, conseqüentemente, solidária e grata».

O Noviciado às Laranjeiras.

Entretanto, em 1897, haviam adquirido os P.^{es} Sa- lesianos a Quinta de Santo António, no Pinheiro de Cima, à estrada das Laranjeiras, em Lisboa, onde estabeleceram uma casa de formação para o seu pes- soal. No instituto funcionou um curso de filosofia e respectivas aulas accessórias.

Ao hospício foi dada a invocação de Colégio do Sagrado Coração de Jesus, tendo sido a sua direcção entregue ao Rev. P.^o Agostinho Colussi (falecido em Maio de 1940).

Junto do Colégio progrediu, ainda, um *Oratório Festivo* com a sua aula de instrução primária e, na cêrca do Colégio, uma escola agrícola.

Adstrito ao Colégio do Sagrado Coração de Jesus existia um outro *Oratório Festivo*, que funcionou nos baixos do Palácio Patriarcal. O *Oratório* continuou a obra da fundação do Cardeal D. José Neto, institui- ção a que anteriormente nos referimos.

Em Angra do Heroísmo.

Em 1903 a obra salesiana, que ia em caminho de larga divulgação no Continente, alargou os seus vãos até às ilhas açoreanas: até *Angra do Heroísmo*. Assim em 27 de Novembro tomaram os P.^{os} Salesianos a direcção interna do *Orfanato do Beato João Baptista Machado*, sob a direcção do Rev. P.^o Luis Sutura.

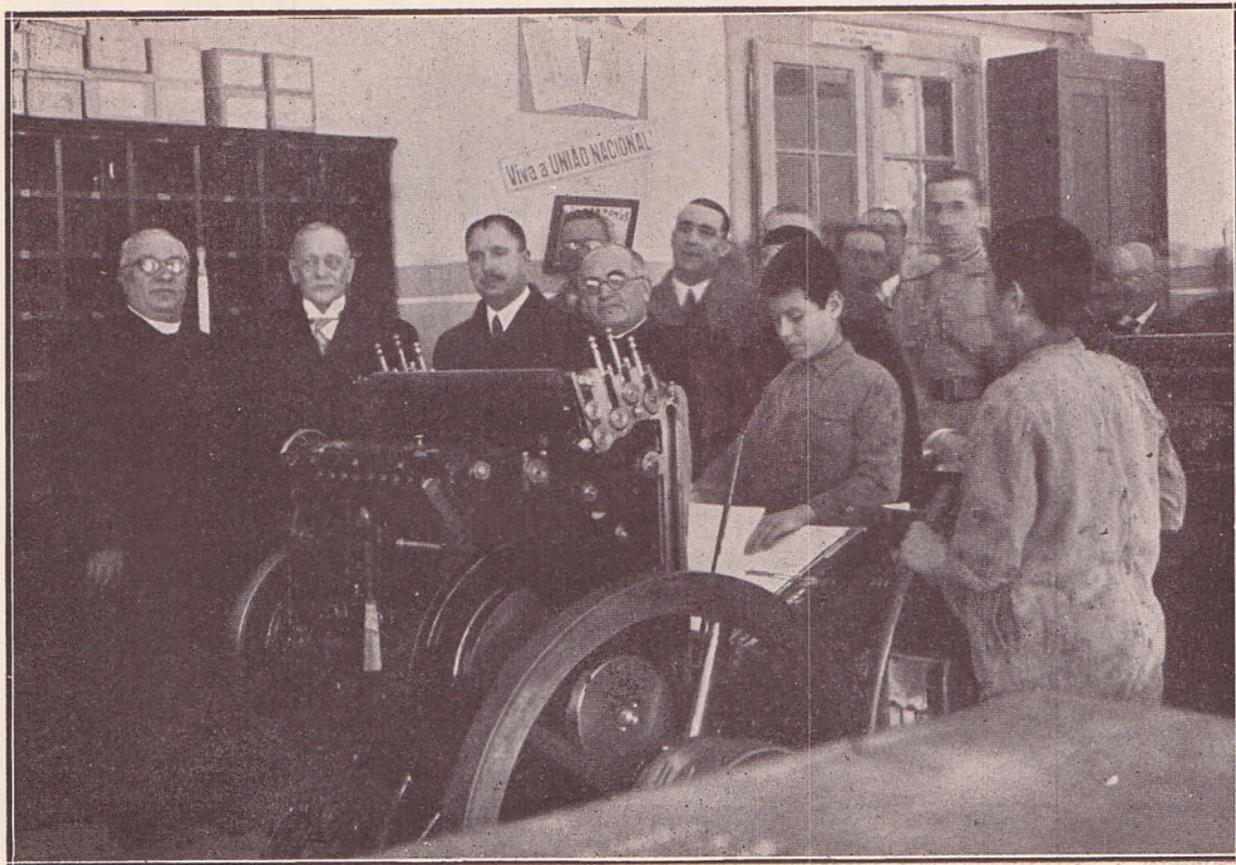
A um ano de permanência dos Salesianos em Angra do Heroísmo, o Concelho de Administração do Orfanato promoveu o alargamento do Instituto adquirindo a Casa dos Remédios, atendendo a que as instalações primitivas eram acanhadas.

Destinado o Orfanato, como as demais instituições salesianas, ao recolhimento de alunos pobres, existiam no Orfanato aulas de instrução primária, de música vocal e instrumental.

Em 1905 iniciaram os Salesianos, no Orfanato, as actividades industriais, tendo fundado uma oficina de alfaiataria e outra de marcenaria.

Viana do Castelo.

Em 1904 chegavam às mãos do 1.^o sucessor de S. João Bosco, P.^o Miguel Rua, vindos de Portugal, brados de salvação para a *Oficina de S. José de Viana do Castelo*. Ao instituto que devera a vida à actividade constante do Rev. P.^o José Luis Zamith, e à bondade de Domingos José de Morais, estavam reservadas horas crudelíssimas. O edificio arruinara-se, os meios falhavam, e a Comissão, dirigente e angariadora de recursos, sentia-se impotente para dominar a tormenta. Certamente os onze infelizes, que o Insti-



Lisboa

Ofic. S. José

Recordando a honrosa visita do sr. General Carmona, Presidente da República, acompanhado pelo sr. Dr. Carneiro Pacheco, Ministro da Educação Nacional.

(1935)



Lisboa

Ofic. S. José

O Sr. Cardeal Patriarca e um grupo de benfeitores após a inauguração do Pavilhão da Marcenaria (1935). Assinalada com a cruzeta a saúdosa Duquesa de Palmela que durante longos anos auxiliou generosamente estas Oficinas.

tuto mantinha a custo, iam ter que ser lançados à rua, pois a situação económica da Oficina agravava-se de dia para dia.

Perante estas tormentas foi a Pia Sociedade de São Francisco de Sales instada para vir salvar a Oficina de São José de Viana do Castelo. A vontade dos P.^{es} Salesianos em alargar os limites da sua obra social utilíssima era grande, porém, o pessoal disponível era pouco para as necessidades, pois de todos os lados os chamavam. A África — *Moçambique* — reclamava-lhes a presença, e o Oriente — *Macau* — também reclamava os filhos de D. Bosco: era um triunfo, na verdade, o alcançado pelos Salesianos, mas os obreiros, dissemos, eram poucos.

Os rogos não cessavam e, embora os Salesianos afirmassem as suas dificuldades de pessoal, o P.^o Rua autorizou o Inspector a encetar negociações com a Comissão dirigente do Instituto Vianense. Desfeitas as últimas dificuldades, a 24 de Novembro de 1904, tomaram os Salesianos conta da Oficina, herdando uma situação perfeitamente caótica, pois, era completo o desequilíbrio entre as receitas e as despesas, e a casa, quasi vazia, estava prestes a cair!

Talvez, em Portugal pelo menos, em nenhum outro caso de interferência da Sociedade Salesiana na direcção de institutos pios se tenha afirmado mais visivelmente a perfeição do processo administrativo e pedagógico usado pelos Salesianos do que neste da Oficina de São José de Viana do Castelo.

Poucos anos andados tudo era diferente. O director Rev. P.^o Luis Maria Maffini tudo modificou. As dívidas estavam pagas, o prédio reconstruído, as oficinas de marcenaria, alfaiataria, colchoaria e sapataria abertas e aumentadas, ao passo que a casa de tudo o preciso estava recheada, e os instrumentos da banda completamente renovados. O milagre fôra possível,

porque os Salesianos tinham conseguido radicar a confiança nos destinos do instituto, entre o povo Vianense. O Instituto que não tivera recursos para sustentar onze alunos mantinha agora quarenta!

No povo da cidade do Lima encontraram os filhos de Dom Bosco dedicadíssimos amigos que lhes permitiram tão excepcionais triunfos. Entre os mais desvelados bemfeitores contou a Oficina de São José, de Viana do Castelo, os falecidos Snrs. António Tomás Quartim e António dos Santos Pinto.

No Oriente.

Dissemos há pouco que os filhos espirituais de São João Bosco eram também chamados a alargar o âmbito da sua fundação ao Oriente e à Africa.

Realmente assim foi.

Cedendo às vivas insistências do Ex.^{mo} Snr. D. João Paulino de Azevedo e Castro, o P.^o Rua, enviou em 1906 os primeiros salesianos para Macau, designando a director o P.^o Luis Versiglia, alma ardente de missionário, que foi mais tarde criado Bispo e Vigário Apostólico das Missões de Shiu-Chow (China) onde, em 25 de Fevereiro de 1930, juntamente com o seu jovem secretário, P.^o Calisto Caravário, caiu vítima de bárbaros assassinos bolchevistas. Do martírio das gloriosas vítimas já está concluído o Processo Diocesano.

Por sua vez o Ex.^{mo} Snr. D. Teotónio Ribeiro, na época Bispo de Meliapor, no mesmo ano de 1906 chamava os Salesianos para Tanjor, onde foram recebidos em triunfo, abrindo logo o *Orfanato de S. Francisco Xavier* para 30 internados, que em 1924 já tinham subido a 115. Ao lado do Orfanato abriram escolas pri-

márias e secundárias freqüentadas por mais de 1130 alunos.

No ano de 1908 a obra ramificou-se em Meliapor onde os salesianos tomaram a direcção do *Orfanato de S. Tomé*, no qual os alunos subiram de 34 para perto de 200, em poucos anos.

Em Moçambique.

Em 1907, a 2 de Março, os Salesianos tomavam a direcção interna da *Escola de Artes e Ofícios* da cidade de *Moçambique*, por incumbência do Bispo de Siene, D. Francisco Ferreira da Silva, ao tempo prelado de Moçambique. A direcção do Instituto foi entregue aos cuidados do Rev. P.^o João Barilari (falecido).

A escola fôra criada em 1877 pelo Governador Geral da Província, Francisco Maria da Cunha, tendo sido a sua administração entregue aos cuidados do Prelado em 26 de Fevereiro de 1901.

No Instituto existiu uma aula de instrução primária, música instrumental e vocal, além das oficinas de alfaiataria, sapataria, tipografia, encadernação e serralharia.

A escola foi visitada pelo ilustre sacerdote P.^o Pedro Cogliolo, depois de êste deixar de ser Inspector das Casas de Portugal.

No Pôrto.

Em 1909, depois do Rev. P.^o Sebastião de Vasconcelos, por ter sido elevado à dignidade episcopal, ter entregado a direcção da *Oficina de São José*, do

Pôrto, a uma comissão administrativa, passou a orientação e govêrno interno da mesma *Oficina* para os P.^{es} Salesianos, depois de superadas várias dificuldades.

Ao passo que a obra salesiana hora a hora mais progredia e se acreditava, pelo País a agitação revolucionária ia crescendo.

A revolução de 1910.

O regime monárquico, exaurido pelas lutas partidárias, desacreditara-se dando esta circunstância ânimo aos revolucionários republicanos a, quasi impunemente, atentarem contra a vida do Rei—D. Carlos e do Príncipe Herdeiro — D. Luis Filipe.

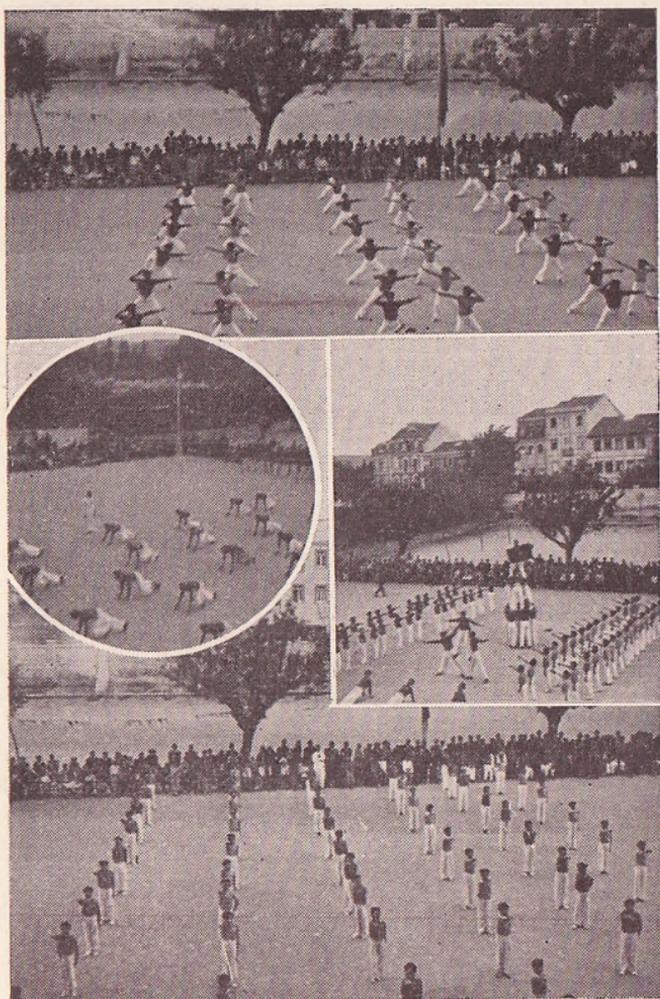
A bandeira hasteada pelo partido da revolução, e até mesmo pelos partidos do antigo regime, era nitidamente contrária às congregações religiosas, estando revelado o estado dêsse espirito na atitude assumida pelo último Govêrno da Monarquia, que levou a mão trémula do rei D. Manuel II a assinar o decreto que dissolveu a Comunidade dos Jesuitas do «Quelhas».

Foi nêste ambiente de excitação política e de dúvida cruciante que, na madrugada de 3 para 4 de Outubro de 1910, Lisboa acordou sobressaltada ao fragor dos tiros de canhão. As dúvidas tinham cessado, a revolução republicana estava na rua e o Rei, que assinara o decreto de dissolução da comunidade do Quelhas, ia ser obrigado a sair do seu reino, ainda antes daqueles a quem ditara a proscricção, a fim de acalmar os ânimos excitados.

Consolidados os arraiais revolucionários pela inércia completa revelada pelas fôrças militares, às quais competia defender o Trono, podia dar-se início ao as-



Lisboa — Autoridades presentes às solenes festas da canonização de D. Bosco, em 1934.



Lisboa — Oficinas de S. José.

Vários aspectos da exibição ginástica que todos os anos completa o programa da Festa de Nossa Senhora Auxiliadora, uma das mais solenes que se celebram no decorrer do ano lectivo.

salto das casas conventuais e dos colégios entregues à direcção de congregações ou sociedades de carácter religioso.

A revolução e os Salesianos.

Não escaparam os Padres Salesianos a serem vítimas da fúria revolucionária, principalmente os que se encontravam na casa do *Pinheiro*, às Laranjeiras, cuja direcção estava entregue ao cuidado do saudável P.^o Agostinho Colussi.

No próprio dia 5 de Outubro, pela 1 hora da tarde, um grupo de populares armados, e em gritos, invadiu o noviciado do *Pinheiro*, dando tiros para as janelas, quebrando vidros, pretendendo espalhar assim o terror entre os internados, ao passo que outros arrombavam as portas, invadindo a casa, tudo revolvendo.

Não contentes com as tropelias, trataram de colocar sob prisão o P.^o Director e os alunos, à excepção de quatro que conseguiram fugir no meio da natural balbúrdia produzida pela chegada de tão pouco invejáveis visitantes.

Sob prisão, foram as vítimas da revolução, triunfante já nessa hora, conduzidas, por entre vitupérios do populacho armado, disperso pela cidade, até ao quartel, situado no alto de Campolide, aonde caíra a artilharia revolucionária.

Por chufa meteram os revolucionários nas mãos do bondoso director do Colégio do Sagrado Coração de Jesus uma cana verde, à imitação do que há dois mil anos os judeus haviam feito ao Salvador dos homens. Serenamente o Rev. P. Agostinho Colussi sofreu todos os atropêlos e insolências. Chegados os presos ao quartel, aí encontraram os Salesianos os P.^{es} Jesui-

tas de Campolide, aos quais se foram juntando outros religiosos.

Porém a Providência não os abandonou, pois foi curta a permanência dos P.^{es} Salesianos, no quartel, em Campolide. O P. Director serenamente levou os seus protestos junto do comandante que logo os deixou sair em liberdade, devendo-se o facto naturalmente à circunstância do Instituto Salesiano estar a coberto da bandeira italiana e o «Govêrno Provisório» não querer criar situações aborrecidas, que de qualquer modo viessem prejudicar o reconhecimento, por parte da Italia, do novo regime.

De regresso ao colégio do «Pinheiro», com lágrimas viu o Rev. P. Colussi o estado a que ficara reduzida a *casa*, a que tantos anos dera o seu carinhoso labor.

Enquanto durara a digressão até à sede do regimento de Artilharia I, em Campolide, a onda do populacho invadira, ainda mais gravemente, a casa, quebrando loiça, destruindo livros, quebrando imagens, reduzindo a bocados tudo que à mão apanharam. Não escapou à fúria a capela cujo sacrário foi arrombado, sendo, num cúmulo de malvadez, espalhadas as santas espécies pelo pavimento da capela, e roubados os vasos sagrados.

Casualidade feliz trouxe de novo às mãos dos salesianos os vasos roubados, pois quem os levara fôra uma mulher que, associada aos revoltosos, entrara na capela, metendo os preciosos objectos dentro dum saco. Denunciada, foram-lhe os vasos apreendidos mesmo antes de ter tido tempo de sair os portões da quinta.

Os trabalhos e sobressaltos dos salesianos perante a revolução em marcha estavam bem longe do seu têrmo. Mal refeitos do primeiro susto e do enorme desgosto de verem a sua casa reduzida a um montão

de destroços, de novo outro grupo de populares armados veio ao «Pinheiro» fazer nova busca e levar para «Artilharia 1» o irmão coadjutor Vicente Svetlic e os aspirantes Inácio Muttu e Domingos Martins e os estudantes José Nunes Ferreira, João da Silva Morais e José Pereira Marques. Silva Morais conseguiu fugir à fúria popular e o pequeno—12 anos tinha êle—José Pereira Marques, devido aos cuidados dum oficial do exército, foi enviado para a terra natal. Os 4 restantes tiveram que suportar a prisão durante 15 dias, primeiro em Campolide, depois no forte de «Caxias», prisão onde se foram encontrar com o P.º José Carlos Alves Vieira, então membro das «Officinas de S. José» de Lisboa.

Na manhã seguinte, 6 de Outubro, o P. Agostinho Colussi rezou missa e recolheu piedosamente, com o coração constrangido, os fragmentos das hóstias consagradas.

Pelo dar das 9 horas e pela tarde foram de novo os portões da quinta do «Pinheiro» alvo das coroadas dos revolucionários. Da primeira vez eram grupos de populares armados que queriam fazer nova busca, da segunda eram bandos de soldados armados que queriam igualmente praticar também nova busca.

Era um viver infernal! Valeu aos salesianos, em tão graves emergências, a serenidade e grande prudência com que se houveram o Rev. P. Agostinho e o seu pessoal, pois, caso contrário, teriam fatalmente sido abatidos pela fúria popular.

Começava a dispersão, a debandada dos salesianos, cujas actividades notáveis frutos haviam dado à nossa pobre terra que por tão graves emergências iria passar!

O humilde *noviciado do Pinheiro*, com a sua simpática escola agrícola, dada a perseguição a que foi votado pelas hordas revolucionárias, e do facto de

tudo ou quasi tudo que nêle havia ter sido destruido, foi immediatamente encerrado.

O pessoal do Pinheiro recolheu-se às Oficinas de S. José de Lisboa, que também encerraram as suas portas a 21 de Outubro. O Director do Colégio do Sagrado Coração de Jesus, Rev. P. Agostinho Colussi, seguiu para Sevilha, a caminho da Itália.

A Oficina de São José de Viana do Castelo ia também fechar as suas portas aos Rev.^{os} P.^{os} Salesianos. Animado do mais vivo carinho pela instituição o Rev. P. Luis Maffini ainda se dirigiu ao Governador Civil, tentando a permissão de ficar a dirigir o Instituto a que dera o melhor do seu esforço e, até, dos seus recursos pessoais, pois, em horas de dificuldade, o bondoso sacerdote mandara vir da Itália dinheiros da sua legítima, que empregou na melhoria das instalações da Oficina.

Porém as demoras do director salesiano em Viana do Castelo irritavam já a Associação do Registo Civil.

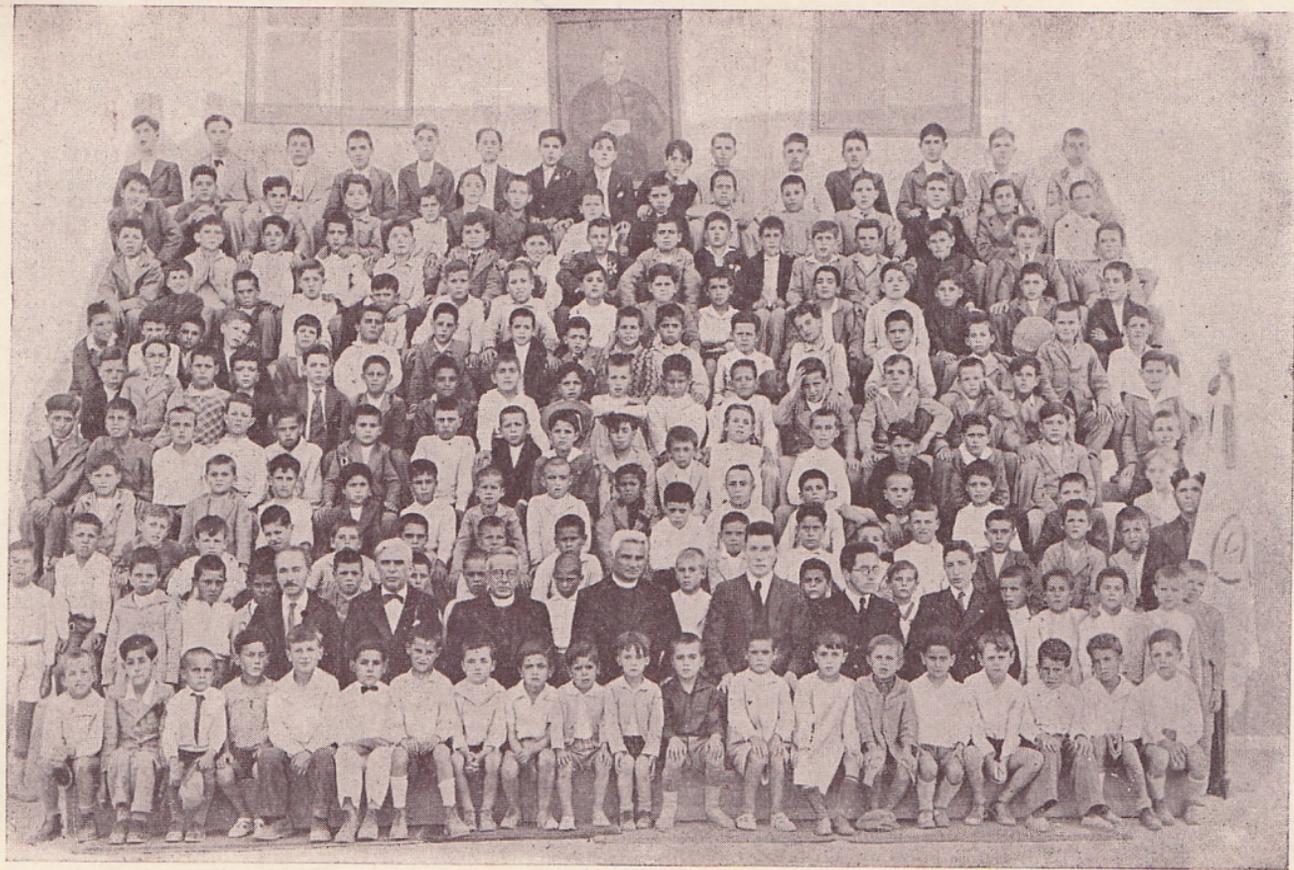
Apesar da boa vontade da autoridade mencionada, nada se conseguiu, sem embargo de até a própria imprensa republicana tecer os mais altos elogios ao bondoso sacerdote. Mas não se podiam abrir excepções! O P.^o Maffini teria de retirar.

O *Jornal Popular* de Viana do Castelo no seu número de 13 de Outubro, referindo-se à *Oficina de São José*, dizia ser êste «um monumento de glória para a caridade cristã e um pregão altissonante da virtude, do zêlo, da dedicação e benemerência dêsse modestíssimo sacerdote P. Luis Maffini, venerado pela cidade inteira».

No dia 22 de Outubro, o Rev. P.^o Maffini, depois de pormenorizadamente ter percorrido com as lágrimas nos olhos todo o Instituto, abandonou a cidade de Viana, dirigindo-se a Lisboa para embarcar para a Itália.



Poiars da Régua. Grupo geral dos Superiores e alunos do Seminário do Sagrado Coração de Jesus.



Évora (Oratório Festivo de S. José) — Grupo geral dos alunos com os respectivos professores.

Desde a partida do Rev. P. Maffini, foi a direcção do Instituto vianense entregue a uma comissão administrativa, não faltando quem prognosticasse o próximo encerramento da Oficina, o que não admira, pois na memória dos benfeitores, que com suas esmolas agüentavam a escola profissional, estava bem viva a triste recordação do que fôra a vida do hospício antes da chegada do P.º Maffini.

Demorou-se ainda o P.º Maffini em Lisboa até Dezembro. Da capital Portuguesa dirigiu êle palavras de saúdade aos seus velhos amigos e colaboradores, tendo infelizmente que rebater com a sua voz autoridíssima vozes inferiores que se permitiram, na imprensa, pôr em dúvida a primorosa administração que o Rev. Director fizera sempre, movido pelo maior zêlo apostólico. A defesa foi enérgica, e a carta do P.º Maffini largamente divulgada na imprensa diária, dando esta ocasião às mais vivas demonstrações de aprêço e entusiasmo pela conduta do inesquecível sacerdote, que constantemente afirmava ser Portugal sua segunda Pátria.

As vozes que, à partida do Rev. P.º Maffini, afirmavam ser a saída dos salesianos a morte do Instituto, não erraram, pois, em 1913, a Oficina de São José de Viana do Castelo fechou as suas portas, sendo o recheio vendido em hasta pública no ano seguinte!

Quanto ao *Colégio dos Órfãos de São Caetano*, depois de implantado o regime republicano, começaram as desinteligências dos Padres com um dos membros da Comissão administrativa do Colégio, que desejava impôr ao instituto a legislação anti-religiosa que entrara em vigor.

Da situação criada resultou, pelo andar de Janeiro de 1911, os Salesianos retirarem do Colégio que primeiro os acolhera em terra portuguesa, deixando aí, como memória da sua passagem, o busto marmóreo do Fun-

dador, mandado erigir por iniciativa do director P.^o José Maria Coelho e de outros ex-alunos.

De 1894, data em que, como vimos, os Salesianos tomaram posse do Colégio dos Órfãos de São Caetano, até 1911, em que o abandonaram, teve o instituto por directores os Rev.^{os} P.^{os} Pedro Cogliolo (1894-1896), Luis Sutura (1896-1903—1908-1909), José Maria Coelho (1903-1908), Carlos Peretto (1909-1911).

Não esquecem os filhos de São João Bosco o nome de Eduardo da Conceição Amorim, sua espôsa e filhos, pelo carinho com que os receberam em sua casa, nessa hora de angústia para os Salesianos, que, saídos do Colégio de São Caetano, aguardavam o momento propício para abandonarem o país.

Zelosa colaboradora da obra salesiana, em Braga, foi também a Sr.^a D. Maria da Conceição Fontes, muito conhecida pelo seu zêlo posto ao serviço da acção católica.

Ao Instituto bracarense foi a Sociedade Salesiana buscar as seguintes vocações que a ilustram: os rev.^{os} P.^o José Maria Coelho, P.^o José da Silva Lucas, P.^o Francisco José Leite Pereira, P.^o Henrique Ferreira, P.^o Cândido Ribeiro (já falecido) e o coadjutor António Machado (falecido). Para o clero secular deu o Colégio dos Órfãos, no tempo dos salesianos, dez presbíteros.

Mas os salesianos não deixavam só de exercer a sua acção benfazeja junto do Colégio de S. Caetano, fechava-se também o simpático *Oratório Festivo de Nossa Senhora da Conceição*, que funcionava com grande concorrência e animação na cêrca da Igreja dos Congregados. O Oratório foi dirigido pelos P.^{os} Paulo Colussi e Filipe Montenegro. Em 1910 era freqüentado por mais de 160 alunos. A propósito da extinção do Oratório Festivo, disse em carta, ao Rev. Carlos Peretto, o Dr. P. João Nepomuceno Pimenta, que fôra vice-reitor do Seminário Conciliar:

«Testemunha presencial dos grandes serviços que a
«esta cidade ia prestando a benemérita e nunca assaz
«louvada criação do Oratório Festivo, tesouro ines-
«gotável de muitos bens para a boa educação dos
«pobres rapazes da rua, muitos abandonados e todos
«expostos a grandíssimos perigos, lamento profun-
«damente a perda dos insignes benfeitores da juventude
«que, agora, desprotegida e abandonada, forçosamente
«há-de dar um farto contingente para os futuros pertur-
«badores da paz social».

Em Janeiro de 1911, depois de os Salesianos terem abandonado o Instituto a que vinham dedicando tódá a sua atenção e entusiasmo, escreveu o Rev. P.^o Luis Gomes da Silva ao último director salesiano do Colégio dos Órfãos frases que muito o desvaneceram, pois claramente mostram o especial aprêço em que a acção salesiana foi tida durante o período que teve a seu cargo a direcção do Colégio de São Caetano.

A carta diz assim :

«Tenho para mim que, se a Congregação Sale-
«siana existisse na vida do Sr. D. Fr. Caetano Brandão,
«fundador do Colégio, êle, depois de o recomendar
«aos cuidados dos Srs. Arcebispos de Braga, seus
«sucessores, o entregaria imediatamente à direcção dos
«beneméritos discípulos de S. Francisco de Sales, bem
«ciente de que os seus orfãozinhos encontravam nêles
«a dedicação de pais carinhosos, a instrução de pro-
«fessores abalizados e a piedade e zêlo cristão de sa-
«cerdotes e levitas todos impregnados do amor de
«Deus e do próximo».

A própria Comissão Administrativa do Colégio de São Caetano, em sua sessão de 16 de Novembro de 1910, exarou no Livro das Actas as seguintes palavras que foram transmitidas ao director salesiano por meio de ofício datado de 16-XI-910 e assinado pelo Presidente da Comissão Dr. José Alves de Moura :

«A Comissão recordando os trabalhos dos Salesianos prestados a esta Casa durante a actual gerência e as referências honrosas que por vezes lhes têm feito as direcções anteriores, apraz-lhe testemunhar que empregaram sempre o melhor dos seus esforços na educação tanto religiosa como moral, civil e profissional dos meninos confiados aos seus cuidados, procurando sempre orientar-se no espírito do benemérito Fundador dêste Colégio Sr. D. Fr. Caetano Brandão e nunca desdizendo das benemerências que a Congregação Salesiana por tôda a parte, com seus bons serviços, tem justamente granjeado».

Segundo consta, o actual Sr. Arcebispo Primaz de Braga convidou novamente os Rev.^{os} P.^{es} Salesianos para tomarem conta do Colégio de São Caetano, ao que os Filhos de São João Bosco não puderam aceder por falta de pessoal.

Quanto ao *Orfanato do Beato João Baptista Machado*, em *Angra do Heroísmo*, em 1910 fechou também as suas portas.

Tivera o Instituto por director efectivo, de 1903 a 1908, o Rev. P. Luis Sutura e, como director substituto, de 1908 a 1910, o Rev. P. Estêvão Heugebaert.

No momento de crise política, que precedeu o estabelecimento do regime republicano, não deixaram os salesianos de ser vítimas das correntes de opinião que nesse momento tomavam maior vulto.

O «Tempo», jornal de nítida orientação maçónica, não perdia oportunidade de atacar os salesianos. Todavia a imprensa católica defendeu galhardamente a acção despendida pelos Salesianos, lamentando a sua ausência. Pois tantas crianças, desde a saída dos Pais, entregues a si, ficavam em risco de se perder, tornando-se até no futuro—quem o sabia?—elementos perturbadores da paz social.

Chegava agora a vez de cessar a actividade salesiana na *Escola de Artes e Officios de Moçambique*, à sombra do decreto de 22 de Julho de 1913, que pôs termo às atribuições conferidas ao Prelado de Moçambique de administrar a Escola, pelo que os Salesianos tiveram que retirar, sendo o instituto entregue à Comissão Municipal de Moçambique.

Abandonaram os Salesianos a nossa colónia de Moçambique exactamente quando iniciavam uma tentativa de missão, com colónia agrícola, primeiro estabelecida na aldeia da Mochelia, depois transferida, por virtude das cheias do rio Monapo, para a aldeia no pòsto militar de Lunga.

Logo depois do estabelecimento do regímen republicano, a Câmara Municipal, ao que se dizia, instigada por uma loja maçónica, representou ao Govêrno no sentido de lhe ser entregue a direcção e administração da Escola, a fim de nela evitar a acção nociva dos elementos clericais e reaccionários.

Num opúsculo intitulado «A Prelazia de Moçambique, protestando respeitosamente pela Verdade e pela Justiça», apresentado a S. Ex.^a o Ministro das Colónias, em 5 de Novembro de 1913, lavrou o Prelado de Moçambique, um veemente protesto contra as aleivosias maçónicas lançadas contra os salesianos, a quem o Bispo rendeu as mais elogiosas homenagens pela excelente obra realizada de 1907 a 1913 dizendo em certo ponto do seu escrito:

«... não imagine ninguém que a Prelazia quer para si os aplausos e louvores que tal obra merece; pois que êstes pertencem aos salesianos, que, se foram maltratados em Moçambique, receberam e recebem compensações nas numerosíssimas Casas que por êsse mundo têm estabelecido». — E terminado o capítulo diz: — «Votos faço, muito sinceros e cordiais, para que nas nossas colónias se radique uma adminis-

tração tão exemplar, como o foi em sete anos a da Escola de Artes e Ofícios».

Eram consoladoras as expressões cativantes do Prelado de Moçambique, justo lenitivo para os desgostos que os virtuosos Padres iam sofrendo na terra revôlta de Portugal.

Também para *Macau o biénio de 1910-1912* foi de lutas e dificuldades. A revolução do Continente chegou lá e, como um vendaval furioso, dispersou os salesianos e alunos do Orfanato, tendo conseguido êstes últimos, na maioria, voltar para suas casas.

Aos salesianos, obrigados a sair de Macau, o sr. Bispo D. João Paulino confiou o distrito missionário de Heung-Sham, onde, por vários anos, trabalharam com grande ardor.

* * *

Desejando salvar do arrolamento e da ocupação por parte do Estado as casas do Pinheiro e as Oficinas de S. José, conforme o determinado pelo Decreto de 31 de Dezembro de 1910, apresentaram os Rev.^{os} P.^{es} Salesianos, um circunstanciado relatório ao Ministro da Justiça, o qual atendendo ao que nêle vinha exposto resolveu, em 12 de Junho de 1911, não ser applicável às duas Casas que os P.^{es} Salesianos tinham em Lisboa o preceituado no referido decreto de dezembro de 1911. Estava ganha a partida! Pelo menos as casas e seus recheios estavam salvos!

Movidos pelo zêlo apostólico, os Salesianos tentavam abrir novamente as Oficinas de S. José, quando não fôsse o internato, pelo menos o Oratório Festivo, que tão concorrido fôra, negociações a que não foram estranhas as vias diplomáticas.

Em maio de 1912, o Ministro dos Estrangeiros, Dr. Augusto de Vasconcelos, noticiava ao Ministro da

Itália poderem as Oficinas de S. José reabrir sob o compromisso de laborarem de acôrdo com as disposições dos decretos de 8 de outubro e de 31 de dezembro de 1910. Seis meses depois por virtude dos alunos freqüentarem a capela interna, foi novamente ordenada a suspensão do ensino.

Entretanto foi o Rev. P.º J. M. Coelho substituído na direcção das Oficinas de S. José de Lisboa, pelo Rev. P.º Agostinho Colussi que, havia pouco, regressara da Itália.

Em setembro de 1914 requereu o novo director das Oficinas aos poderes competentes a reabertura do Instituto, de acôrdo com as leis do País. O requerimento não obteve despacho.

Todavia o panorama político Português ia modificar-se. O movimento conhecido pelo das *espadas* levou ao poder o Govêrno presidido pelo General Pimenta de Castro, cuja orientação se apresentava, embora Pimenta de Castro fôsse republicano, encaminhada num sentido conservador. Aproveitando tal oportunidade, novo requerimento dirigiram os Salesianos aos poderes públicos, pedindo a reabertura das Oficinas, esperançados de que, desta feita, seriam mais bem sucedidos.

Porém, a breve trecho, o Govêrno da presidência de Pimenta de Castro teve de abandonar o poder, capitulando perante o movimento revolucionário de 14 de maio, quebrando-se desta forma as esperanças que os Salesianos tinham acalentado de ver novamente trazido à vida o vasto edifício erguido, altaneiro, sôbre a cidade povoada de enxames de crianças abandonadas.

Pouco tempo decorrido, novos e graves acontecimentos vieram entretanto perturbar a vida dos laboriosos salesianos que, não podendo ocupar-se das crianças no seu Instituto, largamente beneficiavam as almas percorrendo as casas dos doentes e padecentes de

espírito, a quem confortavam com as suas piedosas visitas.

Declarada a guerra entre Portugal e a Alemanha, entendeu o Govêrno dever criar *hospitais militares*, para o que foi resolvido requisitar as *Officinas de S. José*, embora não possamos deixar de encontrar no procedimento governamental aquella má vontade, alimentada por muitos políticos da república contra as ordens religiosas.

Muito sofreram os Rev.^{os} P.^{os} Salesianos durante o período em que viram a sua casa tornada *centro de hospitalização*. Por determinação do referido *Centro* foi indicado o local de residência dos Rev.^{os} P.^{os} e leigos, numas casas muito modestas que serviam de oficinas e arrecadação.

Por grande favor foi concedido aos P.^{os} Salesianos manterem para seu uso, no corpo central do edifício, uma sala onde guardassem as alfaias do culto e mais objectos delicados. Contudo a entrada para os tais aposentos devia ser inteiramente separada da do edifício.

Tiveram sempre os Rev.^{os} P.^{os} Salesianos a preocupação de não assinar qualquer contrato de arrendamento que lhes viesse roubar das mãos a qualquer prazo a sua querida fundação.

Terminada a grande guerra, desaparecendo, portanto, o risco de ter que hospitalizar feridos vindos da França ou das Colónias, recobramos os Salesianos a esperança de rehavermos o edifício. Tempo não tiveram de sobra para tal pressuposto, pois viram, com surprêsa, certo dia sairem do edifício os soldados da Companhia de Saúde, e em sua substituição entrarem os soldados do *Batalhão de Sapadores do Caminho de Ferro*.

Então contristados, mas não em desânimo, os Salesianos insistiram, reclamaram junto das autoridades, coadjuvados pelo Ministro da Itália, no sentido de ser

Estoril — Grupo geral dos Superiores e alunos do Asilo de Santo António.





Estoril — Grupo geral dos Estudantes de Filosofia e respectivos Professores.

posto t ermo a tal abuso. A luta foi árdua, mas, a 14 de abril de 1920, viram os Salesianos triunfar a sua causa, sendo-lhes entregue na referida data o edifício com a promessa de que poderiam reabrir o Instituto.

A actividade recomeça.

Assim puderam em 1921 novamente as Oficinas de São José abrir as suas portas para recolherem no seu seio amor vel centenas de pobres crianças que até esse momento se iam perdendo em bandos pelas vielas dos bairros pobres da Capital.

A virulência anti-clerical do regímen ia, na presença de fen menos de carácter social alarmantes, agravados hora a hora, diminuindo. A guerra fizera modificar t mbe m a orientação do espírito religioso, particularmente na alma daqueles que, nas trincheiras de Flandres e nas terras africanas, tinham, vezes sem conta, visto a morte na sua presença. Depois as desilusões iam-se tornando acerbadas perante a crise política nacional, que tantas horas de agitação deu à terra portuguesa.

Entretanto, novas correntes de opinião se iam criando, desejosas de proclamar bem alto a vida nova portuguesa.

Clareados os horizontes políticos da Nação, conseguida em fim, mercê do prestígio do sábio político Dr. Oliveira Salazar, a estabilização do poder em bases de sólida estrutura, atendidos os mais graves e ingentes problemas políticos, tornou-se possível impôr   consciência nacional a educação do povo dentro dos princípios tradicionais da Nação, isto é, dentro do pensamento cristão e católico que sempre o povo português praticou e seguiu.

Novos horizontes.

Não podiam ficar esquecidos, nêste plano vasto e difícil de regeneração moral da nossa gente, os Salesianos. *Assim a actividade da Sociedade Salesiana revigorou-se em Portugal*, começando a abrir sucessivamente as portas dos seus colégios a centenas de almas infantis que às casas salesianas foram buscar alegria para a alma e pão para o espírito.

São animadores os progressos conseguidos pelos padres salesianos nêstes últimos anos.

Em 1922 foi de novo entregue aos cuidados dos Filhos de São João Bosco a *Oficina de São José do Pôrto*, e no ano seguinte aberto em *Poiães da Régua* o *Seminário do Sagrado Coração de Jesus*, que actualmente conta 50 alunos, que cursam os 2.^o, 3.^o e 4.^o anos dos liceus.

Foi o seminário durante anos dirigido pelo nosso saudável amigo P.^o Agostinho Colussi, que por lá praticou maravilhas leccionando os alunos em várias disciplinas, pois recursos não havia para alargar o número dos professores.

A *Évora* chegaram os salesianos em 1925, criando aí um gracioso e modestíssimo *Oratório Festivo* que é freqüentado por 300 alunos.

De princípio foram os salesianos friamente recebidos pelo povo eborense, não tardando contudo tal situação a modificar-se radicalmente, sendo hoje em dia os Rev.^{os} P.^{os} Salesianos acarinhados pelo povo como amigos.

Em 1931, entrado na posse da Instituição Salesiana o convento de Santo António do Estoril, legado pela piedosa D. Ana Gourlade de Vasconcelos, aí fundaram os Filhos de São João Bosco um *Externato* que, presentemente, é concorrido por 150 alunos de instru-

ção primária, além do curso de filosofia que é de 3 anos e freqüentado actualmente por 20 alunos.

Em Junho de 1937 o Ex.^{mo} Sr. Dr. Bissaia Barreto, Presidente da Junta de Província da Beira Litoral, propôs aos Filhos de São João Bosco a direcção da *Escola Profissional de Agricultura de Semide*, que fôra fundada em 1929.

Concordaram os salesianos em aceitá-la, tendo-lhes sido, pelo Presidente da Junta Provincial dada posse em 4 de Outubro de 1938.

Constituiu a presença dos Padres Salesianos, em *Semide*, uma remodelação completa do sistema educativo, que desde então tem atingido grandes progressos, tanto no domínio moral como no domínio da preparação profissional dos alunos, isto devido à excelente acção do Director P.^o José da Silva Lucas, cujos dotes de organizador se têm revelado eminentes. A obra asila setenta alunos, porém preparam-se novas instalações que brevemente permitirão o acesso a muito maior número de asilados.

Não tardou porém a casa do Estoril em tornar-se diminuta para o grande número de escolásticos que aí praticavam os seus estudos, tornando-se portanto urgente o desdobramento do instituto, para o que foi elaborado o plano de aquisição de uma propriedade com os necessários requisitos. Encontrada esta, depois de concluídas as diligências necessárias à compra, quando apenas se aguardava a precisa autorização dos Superiores Maiores para a assinatura do contrato, chegou aos salesianos a notícia de que a quinta já fôra vendida, o que causou natural desapontamento.

Todavia não tardou que a mão de Deus viesse largamente compensar o momento de tristeza dos zelosos filhos espirituais de S. João Bosco, isto porque a Rev.^{da} Irmã Maria de Jesus, religiosa de São José de Cluny, e a Sra. D. Maria Joana de Melo Osório (Proença-a-Ve-

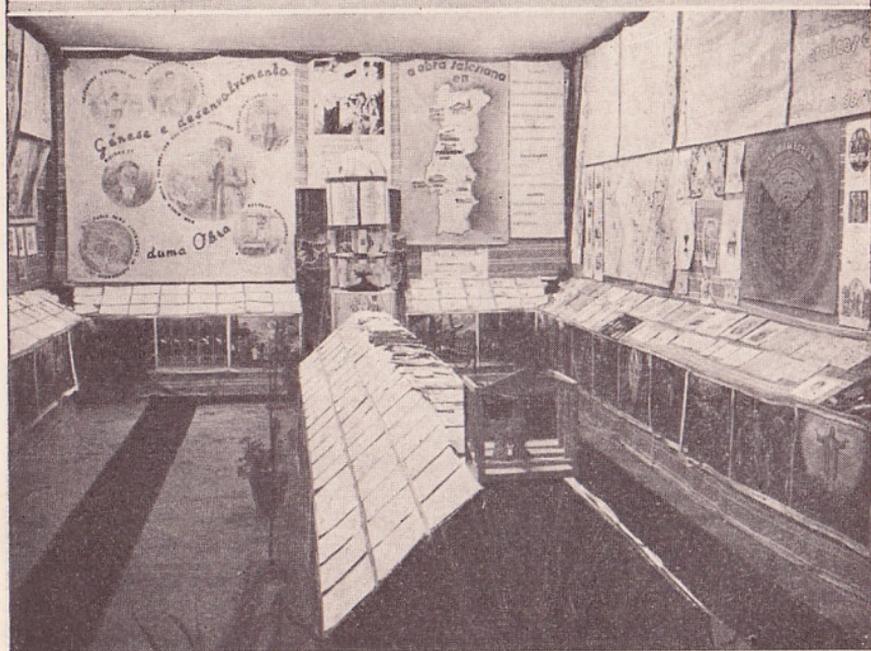
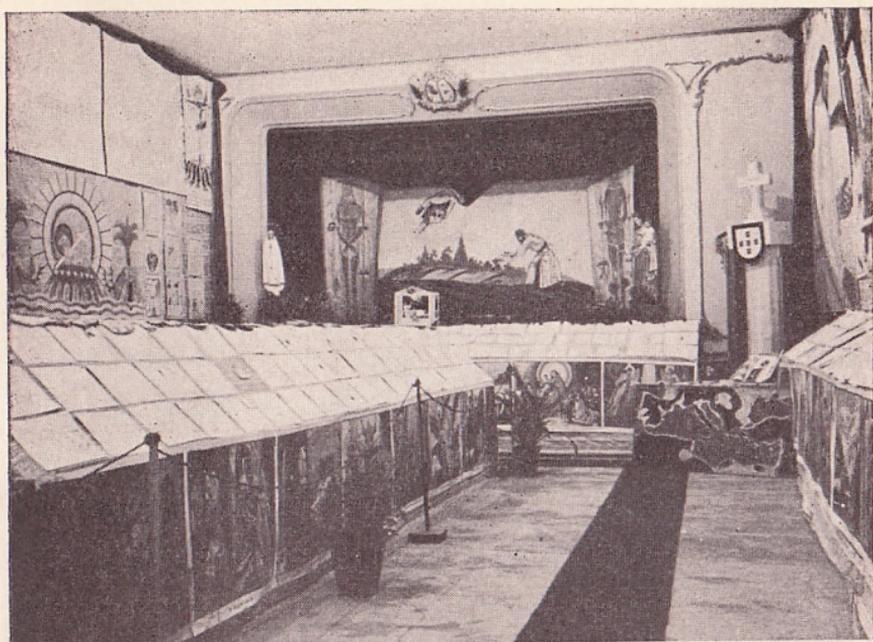
lha) há muito desejavam oferecer à Sociedade Salesiana uma casa que tinham em Mogofores, para que pudesse desenvolver a sua virtuosa acção naquela localidade.

Exultaram os salesianos com a dádiva que vinha precisamente ao encontro dos seus desejos, e foi no dia 26 de Setembro de 1938 que os salesianos tomaram posse da casa, recebidos com simpatia pela povoação, que acompanha com interesse e carinho os primeiros passos da nova fundação.

Logo em 27 de Novembro Mogofores assistiu à *vestidura clerical* de 13 noviços, os primeiros com que se iniciou a obra salesiana naquela localidade. Perante um numeroso grupo de pessoas amigas e benfeitoras e um enxame de rapazinhos, que a curiosidade levou a tomarem de assalto a capelinha aseada e risonha, receberam os noviços o hábito talar das mãos piedosas do Rev.mo Inspector salesiano P.^o Dr. Hermenegildo Carrá.

Estabelecidos e em prosperidade, os salesianos que se fixaram em Mogofores não podem deixar de lembrar agradecidamente o nome dos seus mais queridos benfeitores: as doadoras Rev.^{da} Irmã Maria de Jesus e a Sr.^a D. Maria Joana de Melo Osório, (falecida em 1941), Sr.^a D. Emilia Bourbon Furtado, que durante as necessárias obras do instituto se revelou uma carinhosa mãe dos salesianos, e que em 1939 ofertou ao Instituto uma linda imagem de Maria Auxiliadora, Sr.^a D. Maria Eugénia Reis, Família Melo Sampaio, Dr. Manuel Luis Tavares, Dr. Menano e Família, e as bondosas Irmãs de São José de Cluny.

Graças à decidida cooperação de tantos amigos e benfeitores, ao lado da primeira casa, na qual ficou instalado o *Oratório Festivo* para os rapazes de Mogofores, foi possível comprar-se a bela *Quinta «Casa da Fonte»*, onde foram construídos novos edifícios para a



Lisboa — Vista parcial da linda Exposição de trabalhos de Catecismo (a explicarem-no pelo desenho e pela imagem) e para a qual concorreram os 8 Institutos salesianos de Portugal.



Pôrto (Oficina de S. José) — Grupo geral dos Superiores e alunos.

instalação do Noviciado e do Curso de preparatórios para aspirantes salesianos, desdobrando-se desta forma a casa de Poiares da Régua. E' o *Instituto de S. João Bosco* freqüentado presentemente por 60 rapazes entre *noviços* e *alunos* do 1.º ano de preparatórios.

* * *

Foi o ano de 1939 festivo para as Oficinas de São José de Lisboa. Assim a data de 27 de Março ficará para sempre gravada a letras de ouro nos Anais da Província Portuguesa Salesiana, pois foi na data indicada que as Oficinas tiveram a honra não só de serem visitadas pelo Snr. Presidente da República, General Carmona, mas ainda a de ser a Instituição condecorada com a Comenda da Ordem da Instrução, homenagens a que assistiu o Snr. Ministro da Educação, Dr. Carneiro Pacheco, e numerosa assistência constituída por devotados amigos dos Salesianos.

Aproveitou o Chefe do Estado a oportunidade para condecorar com a Grã-Cruz da Ordem da Benemerência a Sra. Duquesa de Palmela, há pouco falecida, Senhora cujas virtudes e auxílio jamais a Sociedade Salesiana esquecerá.

A imprensa de Lisboa procurou dar grande relêvo a êsse acontecimento e alguns jornais, como as *Novidades* e *A Voz*, por especial deferência, quiseram que a relação da visita presidencial às Oficinas de S. José figurasse na primeira página, precedida de um apinhado histórico relativo ao principal dos Institutos que os Filhos de S. João Bosco dirigem em Portugal.

Com a devida vénia transcrevemos o que a tal respeito disseram as *Novidades*:

«As Oficinas de S. José são, no panorama da vida social portuguesa e até de todo o mundo, não diremos uma experiência incerta nos seus resultados, mas

uma antecipação definida e segura que desde a primeira hora se impôs à admiração de todos pela confiança e aprumo com que realiza o seu ideal de bem fazer e de bem servir.

Tiveram o seu início no século XIX, num período revólto da história em que sossobravam as mais fagueiras tentativas de reconduzir o homem, e sobretudo o operário, àquela dignidade a que tinha direito.

Como frágil barco que, não obstante as ondas alterosas que o põem, a cada instante, em risco de naufragar, chega, alfin, a pôrto seguro, assim as Oficinas de S. José, apesar das convulsões sociais em que nasceram e que embalaram, por assim dizer, o seu berço, conseguiram um lugar inconfundível, na vanguarda das mais belas e mais florescentes realizações sociais.

D. Bosco — o fundador imortal da Obra Salesiana, soube arremontar à sua volta, cooperadores de carácter irreductível a tôdas as dificuldades ou atracções mentirosas de uma pedagogia de fachada; seguindo as pisadas do mestre souberam imprimir à sua obra o carácter de perpetuidade, não a deixando arrastar-se pesadamente ou enveredar pelos desvios ou atalhos perigosos, mas conduzindo-a sem hesitações, nem desfalecimentos, ao fim que tiveram em vista.

As Oficinas de S. José são a mais bela floração do grande educador da juventude, sublimada pelo amor a Deus e pela grandeza de alma que em contacto com a dura realidade do trabalho adquire.

Sob o aspecto educativo difficilmente se encontrará quem as sobreleve, precisamente porque a sua educação é integral, abrangendo tôdas as actividades do jovem entregue aos seus cuidados, e aproveitando ou corrigindo as suas tendências.

Sob o aspecto patriótico bastaria dizer que as

Officinas de S. José são uma escola e que o objectivo exclusivo, único dos dirigentes, é fazer dos alunos, bons cristãos e bons portuguezes, úteis a si próprios e à pátria em que nasceram.

Em Portugal, as Officinas não fogem à regra geral que acabamos de esboçar, antes é mais meritória, talvez, a sua acção, porque mais sacrificada e mais dificultada pelas circunstâncias que a rodeiam.

Sem outros recursos que não sejam os da caridade de benfeitores generosos e dedicados, as Officinas têm actualmente uma freqüência de 170 alunos internos, 160 externos e 250 no recreatório dominical.

Funcionam, permanentemente, além do curso elementar, cursos de ensino técnico profissional, compreendendo tipógrafos (compositores e impressores), encadernadores, marceneiros, sapateiros e alfaiates.

Funcionam, além disso, cursos de música vocal e instrumental, desenho e ginástica.

Todos os anos uma média de 12 alunos concluem o curso profissional, sendo-lhes entregue o relativo diploma de operários.

Por tudo isto as Officinas de S. José impõem-se como uma realização admirável que vivendo, exclusivamente, dos recursos da caridade particular, conseguem tão profícuos resultados».

Terminava o artigo fazendo votos para que o Estado, percebendo a salutar influêncía que as Officinas de S. José exercem no ambiente social, as acarinhasse como merecem e as subsidiasse por forma que desenvolvam a sua acção, alargando as suas instalações e aumentando a sua freqüência. Tornaria assim menos duro o sacrifício que o milagre da sua manutenção supõe e diminuiria o número de desprotegidos que tantas vezes se vêem estender a mão à esmola.

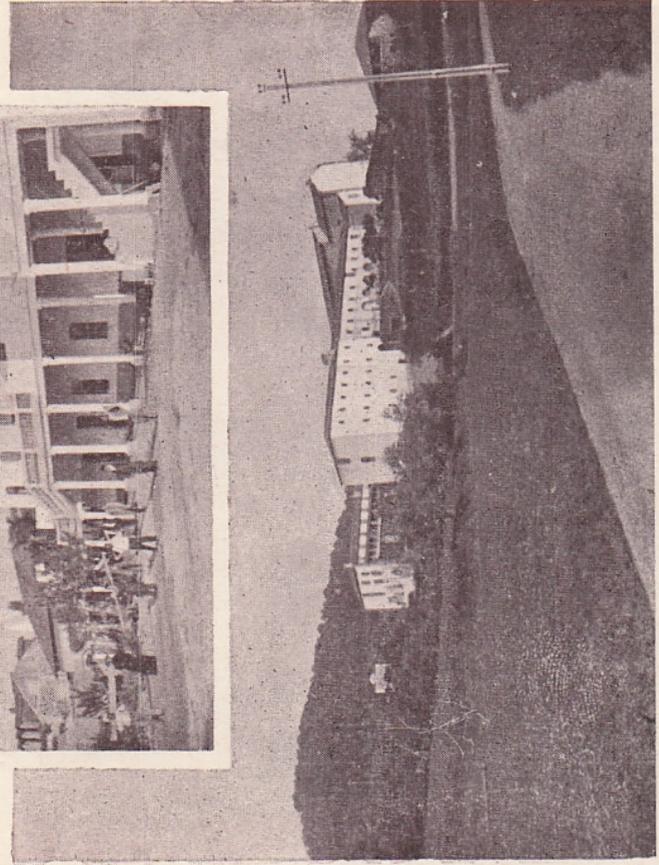
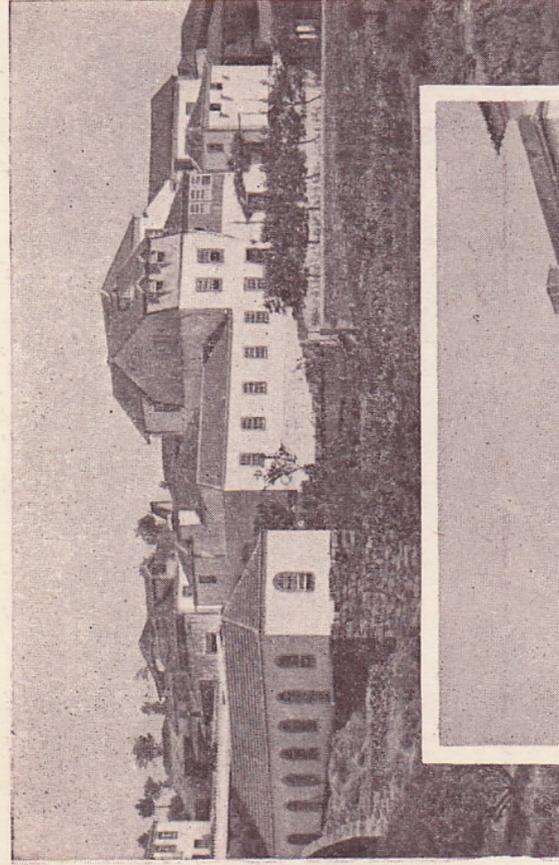
Em *A Voz*, o Snr. Cons. Fernando de Souza, seu digno director, exprime-se nos seguintes têrmos:

«Desde que mourejo na imprensa tenho procurado sempre dar o máximo relêvo à grande obra cristã e social das Oficinas de S. José e dos recreatórios salesianos, em que os filhos espirituais de Dom Bosco ministram com a maior dedicação a educação moral e religiosa e o ensino profissional a milhares de rapazes desamparados e que nos estabelecimentos salesianos se tornam bons cristãos e operários prestimosos e morigerados».

Alude depois à ventura que teve, quando director do *Correio Nacional*, de conhecer o venerando P.^o Rua em 1898, dizendo que de então para cá sempre que teve ensejo procurou tornar conhecida a obra salesiana e a figura do grande Apóstolo da Caridade para com os filhos do povo — Dom Bosco — que a Igreja elevou aos altares pela canonização. Passa depois a referir-se à crise que as Oficinas tiveram de atravessar, quando da tormenta revolucionária em 1910, e ao progressivo desenvolvimento das mesmas desde 1926 até ao presente e termina dizendo:

«Para os amigos da Obra Salesiana foi, pois, sumamente grata a homenagem que à sua benemerência prestou o ilustre Chefe do Estado, com a sua visita minuciosa, acompanhado pelo Sr. Ministro da Educação Nacional, e os calorosos têrmos em que êste proclamou a sua benemerência, como foi também recebida com vivos aplausos a consagração da grande caridade de uma ilustre senhora que sem alarde nem ostentação tantos benefícios derrama em tórno de si. A Sr.^a Duquesa de Palmela é a alma do grupo dos cooperadores que tanto se interessam pelas Oficinas, como o foi das Cozinhas Económicas e de tantas obras de caridade.

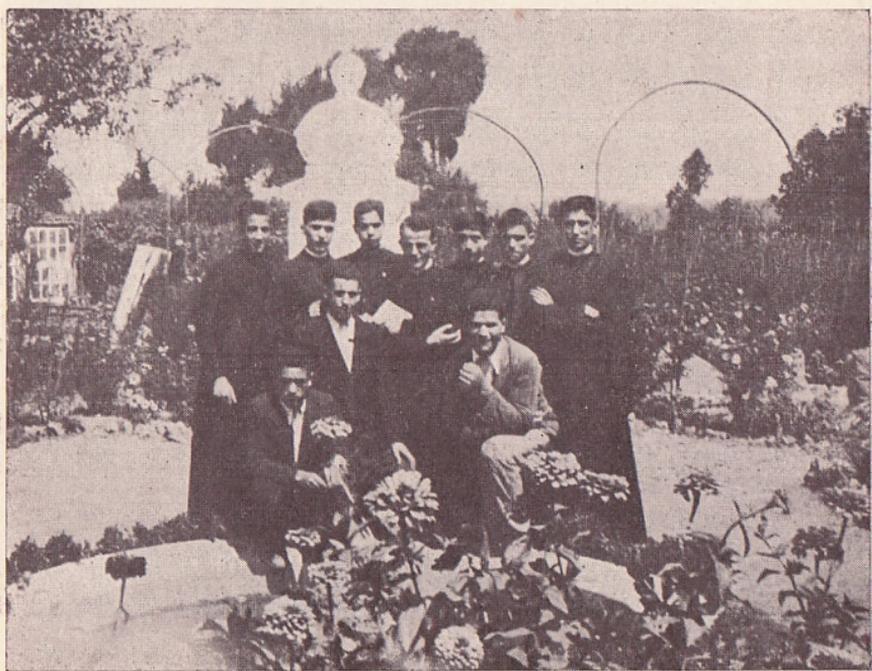
«O Sr. General Carmona pôs em alto relêvo as suas virtudes e dedicação e pôs-lhe ao peito a Grã-Cruz de Benemerência. Homenagem justíssima e que



Em cima: Colégio de Poiares da Régua. **No centro:** Instituto Saleciano de Mogofores. **Em baixo:** Escola Agrícola de Semide.



Evora — Superiores e alunas da Casa Pia Feminina.



Mogofores — Os noviços salesianos com o seu Mestre.

honra por igual a personalidade que a confere e a que a recebe».

O *Diário de Notícias* iniciava assim a descrição da visita presidencial:

«O Sr. Presidente da República teve ontem, nas Oficinas de S. José, uma carinhosíssima recepção.

«O Sr. General Carmona foi, quando ali chegou, às 15 horas, recebido pelo sr. Ministro da Educação Nacional, por muitas individualidades em destaque e pelo director e corpo docente das Oficinas de S. José. A banda dos alunos executou a «Portuguesa». Cantaram-na em côro todos os educandos, que envergavam o uniforme da «Mocidade Portuguesa». Os alunos fizeram depois uma vibrante manifestação ao Sr. Presidente da República. Muitos «vivas», com grande entusiasmo secundados.

«O Sr. Presidente da República conversou alguns minutos na sala de visitas e visitou depois as oficinas em plena laboração. Estavam elas lindamente ornamentadas. Nas paredes, dísticos nacionalistas.

«Percorreu o Sr. General Carmona demoradamente as oficinas gráficas (impressão, composição e encadernação) e de marcenaria, carpintaria, alfaiataria e sapataria. Visita atenta e interessada. E pediu informações sôbre certos pormenores do seu funcionamento. Em conversação com o director e professores mostrou-se muito agradado pela grande e bem orientada actividade das oficinas. Informou-se sôbre o ensino ali ministrado e viu também as aulas dos cursos escolares, entre elas as de música vocal e instrumental, de desenho e de ginástica. Tomou conhecimento do número de alunos externos e internos ali existentes. E congratulou-se pelo bom aproveitamento dos alunos do curso profissional, que consta de cinco anos. Anualmente recebem ali o diploma de operários dez a doze alunos, em média».

Finda a visita, o Sr. Presidente da República e o Sr. Ministro da Educação Nacional foram pelo P.^o Hermenegildo Carrá conduzidos ao salão de actos onde se realizou a sessão solene assim descrita por «O Século»:

«Presidiu o chefe do Estado. Em lugares de honra viam-se os srs: ministro da Educação, dr. Vieira Neves, chefe do gabinete do sr. ministro do Interior e seu representante, Dr. Mira Mendes, director geral, interino, da Assistência; Pery de Linde, secretário do sr. Governador Civil, a quem representava; dr. Fernando de Bettencourt, secretário do sr. prof. Dr. Carneiro Pacheco, eng.^o Fernando de Sousa, marquês do Faial e sras. duquesa de Palmela, D. Maria Luisa Coutinho da Câmara, D. Beatriz Viveiros Pereira, etc. Na sala muitos amigos e benfeitores e os educandos da instituição, com as suas fardas da «Mocidade Portuguesa».

A' entrada do Chefe do Estado ecoaram «vivas» que envolveram a sua figura e as dos srs. Presidente do Conselho e ministro da Educação e o Estado Novo.

A banda das Oficinas executou a «Portuguesa», entoada em côro pelos educandos, e, feito silêncio, usou da palavra o rev. Hermenegildo Carrá. Saúdou o sr. General Carmona, o que provocou na assistência entusiásticas manifestações ao alto magistrado, manifestações que pouco depois, quando o orador aludiu ao nome do sr. Presidente do Conselho, se repetiram numa calorosa afirmação de simpatia pelo dr. Oliveira Salazar. O rev. P.^o Carrá enalteceu a figura do estadista acrescentando que a sua obra notabilíssima foi executada porque aos destinos da nação preside um homem de raras virtudes: o sr. General Carmona.

Prosseguindo evocou algumas palavras do sr. dr. Oliveira Salazar sôbre o futuro de Portugal e o valor da juventude para declarar:

— Para a construção dêsse Portugal novo queremos nós nesta casa concorrer também com uma pedra, fazendo dos rapazes de hoje bons operários cristãos. Foi êsse o pensamento de S. João Bosco.

Exaltou, depois, a obra salesiana através dos tempos, e disse que, em nome do Superior Geral da Obra, queria apresentar agradecimentos ao Governo Nacional pelo auxílio dispensado à actividade dos seus missionários. Alongou-se, ainda, em considerações sôbre a missão da Obra e, referindo-se aos seus benfeitores, destacou entre êles o nome da veneranda senhora duquesa de Palmela cujas virtudes pôs em relêvo, declarando que não há, de-certo, obra de beneficência em Lisboa que não tenha lugar no seu coração. As Oficinas de S. José consideram-na como mãe extremosa.

Ao concluir, pediu licença ao sr. Presidente da República para lhe ser feita a oferta de uma mensagem e de um exemplar da vida de S. João Bosco, executados nas oficinas gráficas da Instituição.

Então entre «vivas» ao Chefe do Estado a mensagem foi lida e entregue por um educando: Artur Filipe.

A banda do estabelecimento executou, depois, o hino da «Mocidade», ouvido de pé pela assistência, de braço erguido na saúdação nacionalista, e cantado por todos os educandos. Seguiram-se recitações que provocaram aplausos da numerosa assistência.

O sr. ministro da Educação, a quem a assistência acolheu com manifestações de carinho, proferiu, depois, algumas palavras. Apresentadas as suas homenagens ao sr. Presidente da Republica, afirmou que na obra salesiana, de que era exemplo aquela casa, um facto a todos devia impressionar: o universalismo dessa obra que pode considerar-se, justamente, de educação integral por abranger os aspectos físico, moral

e intellectual. Foi êsse de resto — acrescentou — o pensamento firme de S. João Bosco que, tendo, é certo, um programa para a obra de vulto que iniciou, soube ser mestre de educação e, pelo exemplo, criar admiradores e, mais do que isso, dignos continuadores de um trabalho orientado por bons princípios sociais e cristãos.

Prosseguindo, o sr. prof. dr. Carneiro Pacheco traçou o perfil de S. João Bosco evocando frases e actos seus para concluir que ao seu pensamento social se deve hoje uma obra que se admira em todos os recantos do globo.

Naquela casa — acrescentou — a obra salesiana prosseguia o caminho traçado; ali há método, sentido social e educativo e a preocupação firme de formar uma mocidade capaz dos maiores sacrifícios. Era, por isso, que a *Mocidade Portuguesa* estava ali perfeitamente organizada e compreendida nos seus elevados intuitos de formação mental, física e espiritual da juventude.

O orador fêz, depois, considerações sôbre a função do educador e estabeleceu um paralelo entre o que pode considerar-se o método de formação, preconizado por S. João Bosco, e os princípios que informam a *Mocidade Portuguesa*. Frisou, ainda, que a obra salesiana se faz pelo coração e pelo sentimento cristão, para acrescentar que aquêles que a executam nada têm; e assim sucede naquela casa que tem, todavia, uma despesa anual orçamentada em 900 contos.

— E há tanta gente — disse — que não sabe onde gastar o seu dinheiro. Nesta o juro é certo: prepara-se a mocidade dentro de bons princípios por forma que os rapazes possam entrar na vida a pé firme.

Declarou que a função do educador era uma arte e, mais adiante, aproveitou o ensejo para fazer a exaltação da figura do sr. dr. Oliveira Salazar e do Por-

tugal de nossos dias que, não há muito, sentiu e viu que era respeitado e admirado na capital da Cristandade.

Ao concluir, o sr. ministro da Educação dirigiu saudações ao director das Oficinas de S. José.

Ergueu-se então para falar o sr. Presidente da República a quem foram dispensadas novas e significativas manifestações de simpatia. Depois de declarar que muito lhe tinha agradado quanto havia visto na sua visita às Oficinas, acrescentou que tudo demonstrava a existência de um bom chefe e de excelentes colaboradores. Só assim se podia realizar a obra de educação técnica e profissional que havia observado.

Eram felizes — disse ainda — quantos tinham tão bons mestres e continuadores de uma obra que veio de longe e se afirmava naquela casa em tôda a sua grandeza. Continuando, disse que obra tal se faz sobretudo com o coração e com a dedicação que vence todos os obstáculos, transpondo montanhas de dificuldades.

Apresentou, seguidamente, as suas homenagens ao rev. sr. Hermenegildo Carrá e, fazendo votos pelas prosperidades da instituição, declarou que a condecorava com o grau de Comendador da Ordem da Instrução.

Ecoaram palmas e novas manifestações se ouviram ao sr. Presidente da República que, dirigindo-se, depois, à sra. duquesa de Palmela, afirmou que muito lhe agradava ter o ensejo de colocar ao seu peito as insígnias da grã-cruz da Ordem de Benemerência, que bem merecia pelos seus actos e pelas suas virtudes.

Entre grandes ovações o Chefe do Estado impôs a condecoração àquela titular e a festa terminou, momentos depois, ao som do hino nacional, escutado também pela assistência, de braço erguido».

Em Abril dêsse mesmo ano tomaram as Oficinas de São José parte na primeira Exposição de Artes e Indústrias das Instituições de Beneficência Particular, lendo-se no Boletim Salesiano de Agôsto a seguinte notícia:

«Lemos em «A Voz» a relação circunstanciada do que foi essa demonstração de trabalho profissional desenvolvido em quarenta e cinco Instituições de beneficência particular que muito honram Lisboa, entre as quais as Oficinas de São José, cuja proficiência e fama tiveram nesse admirável certame nova e merecida consagração.

A linda Exposição, que se deve à actividade altamente meritória do Sr. Coronel Lobo da Costa, Governador Civil de Lisboa, cujo carinho pelas Instituições de Beneficência e Caridade Particular é já de domínio público, foi inaugurada, às três horas da tarde de 29 de Abril, pelo Chefe do Estado, o Ex.^{mo} Sr. General Carmona e sua Ex.^{ma} Espôsa.

Aguardavam o Snr. Presidente da República o Snr. Director da Educação Nacional, o Sr. Governador Civil, o Director geral da Assistência, o Rev.^{mo} Sr. Cónego Carneiro de Mesquita representando o Sr. Cardeal Patriarca, os Srs. Padres Hermenegildo Carrá e Angelo Semplici, respectivamente director e sub-director das Oficinas de S. José, o Sr. Conselheiro Fernando de Souza, as Senhoras e Cavalheiros da Comissão Organizadora, e muitas outras individualidades de destaque no Exército, na Armada e na vida social e pública. Ao chegar o Sr. Presidente da República, os presentes aclamaram-no festivamente e as bandas de música das Oficinas de S. José e Albergaria de Lisboa executaram o hino nacional.

Em seguida, o Chefe do Estado e sua Ex.^{ma} Espôsa,

seguidos de ilustres visitantes, percorreram detidamente as várias secções, mostrando-se visivelmente satisfeitos pelo que viam nessa linda Exposição, riquíssima em trabalhos de várias espécies, predominando os das Instituições femininas: bordados, rendas, enxovais, almôfadas, roupas feitas com apurado gôsto e de perfeito acabamento e muitas outras que longo seria enumerar.

Das secções profissionais de rapazes, a mais completa e variada era a das Oficinas de S. José, com os seus belos trabalhos de tipografia, encadernação, alfaiataria, peças de calçado e de mobiliário, a despertarem a admiração de todos. Antes de se retirarem, o Chefe do Estado e sua Ex.^{ma} Consorte congratularam-se com o Sr. Governador Civil, com os organizadores dessa linda exposição profissional, e especialmente com os directores e as regentes das Instituições expositoras, pela perfeição dos trabalhos que ali figuravam.

O que ali se viu e apreciou era uma prova mais do que suficiente para se ter uma idéia do imenso lavôr das Instituições de Beneficência Particular, tão úteis ao Estado e infelizmente tão pouco conhecidas».

Outras notícias.

O Orfanato da Imaculada Conceição de Macau, ao qual os Salesianos já em 1912 puderam voltar, é hoje um dos mais prósperos institutos salesianos. Presentemente conta 280 alunos internos.

Sensibiliza recordar a linda festa realizada em 1939 no pio Orfanato, quando da presença em Macau do Aviso Português, obra do Estado Novo, «Gonçalo Velho», do comando de Owen Pinto.

O comando do Gonçalo Velho quis que os chine-

zinhos de Macau fôsem visitar o navio, tratando-os com os maiores requintes de delicadã bondade.

Na noite de Natal os òrfãozinhos de São João Bosco foram largamente mimados pelo Ex.^{mo} Comandante da unidade de Portugal, e pelos seus subalternos. Inteligente, na plena compreensão do alcance larguíssimo da Obra Salesiana, o comandante Owen Pinto é admirador entusiasta da Obra de Dom Bosco.

Por aqui não fica a manifestação de simpatia da guarnição do Gonçalo Velho pelo Instituto Salesiano. Desejosos de concorrerem materialmente para o sustento da Obra, resolveram oferecer ao público de Macau um entretenimento cuja receita seria a favor do Orfanato. A festa resultou admiravelmente.

Resolveram os Filhos de São João Bosco, desvanecidos com o procedimento dos marinheiros portugueses, retribuir a gentileza na medida das suas possibilidades, organizando um sarau em honra do Comandante, oficiais e marinheiros da guarnição do «Gonçalo Velho». No sarau foi representado o drama «Os Mártires de Cesareia», levado à cena pelo Grupo Dramático do Oratório Festivo de São João Bosco, composto de rapazes do Oratório, Irmãos e estudantes salesianos.

Num dos entreactos do drama foi cantada a canção do marinheiro. A canção do marinheiro é popular entre a nossa gente. Entoadada entusiásticamente pelos alunos, não tardou em provocar entusiasmo entre os assistentes, no número dos quais se encontravam muitos dos nossos marinheiros que ao canto se associaram com sentimento e vigor.

O sarau tornou-se um verdadeiro estreitamento dos laços de amizade entre as gentes distantes e os heróis do mar, símbolos dum passado grande e dum presente nacional que se afirma ao mundo.



Semide — Superiores e alunos da Escola Profissional de Agricultura, (Grupo geral).



Évora (Casa Pia)— Grupo geral dos Salesianos, alunos e pessoal auxiliar .

Mas, a Sociedade Salesiana não conta só com a actividade dos Rev.^{os} Padres para o serviço da boa causa. Por ela luta, também, a congregação de Religiosas das Filhas de Maria Auxiliadora, que São João Bosco fundou e teve larga difusão.

Em Janeiro de 1940 vieram as *Irmãs Salesianas* de São João Bosco para Portugal, tomando conta da direcção da Casa Pia de Évora (secção feminina).

O Órgão das Obras Salesianas em Portugal (24-6-941) referiu-se do modo que segue a tão auspicioso successo: «A nova comunidade compunha-se de cinco Irmãs, algumas vindas do Brasil. Acompanhavam-nas a Rev.^{da} Inspectora Madre Francisca Lang e a Irmã secretária. Depois de algumas horas passadas em casa da Sr.^a D. Maria José Saturnino, dedicada cooperadora salesiana, dirigiram-se para a Casa Pia em companhia da mencionada cooperadora e do Rev.^{mo} P. Francisco José Leite Pereira, director do Oratório de São José. Já ali as aguardavam o Sr. Governador Civil, que as saudou em nome da população de Évora, e o Sr. Provedor da Casa Pia que também falou, manifestando a sua grande satisfação por ter-se realizado o seu desejo, que era de ver na direcção dessa Casa as Filhas de Maria Auxiliadora. Também ali estavam as Rev.^{das} Irmãs Franciscanas que dirigem outro Orfanato dessa localidade. Muitos cavalheiros e senhoras honraram, com sua presença, o acto oficial da tomada de posse. Na capela do Instituto, antes da Bênção Eucarística, o Rev.^{mo} Reitor do Seminário saudou a nova comunidade religiosa em nome do Sr. Arcebispo, então ausente».

Na hora presente conta o Instituto 50 internadas. Nêle funciona um Oratório Festivo, que é muito concorrido.

* * *

Por Decreto publicado no «Diário do Govêrno» de 8 de Dezembro de 1934, e confirmado pelo despacho ministerial de 8 de Dezembro de 1941, foi oficialmente reconhecida a Corporação Missionária dos Padres Salesianos Portuguezes, aguardando-se o momento propício da partida da primeira turma de missionários para a Missão de Timor.

* * *

Finalmente referimos que no próprio momento em que estamos escrevendo estas linhas os P.^{os} Salesianos acabam de tomar a direcção da «Casa Pia de Évora» a instância das dignas Autoridades, tanto Eclesiásticas como Governativas. Fundada em 2 de Agôsto de 1836 pelo distinto político Antonio José de A'vila, ao tempo Governador Civil de Evora, mais tarde, do conselho de Estado, e depois agraciado com o título de Duque de Avila e Bolama.

Por oportuna, transcrevemos a notícia dada pelo jornal «A Defesa» (1-XI-941), quando do acto de empossamento dos Rev.^{os} P.^{os} Salesianos na direcção da Casa Pia :

«Como noticiamos, tomaram anteontem posse da direcção da Casa Pia Masculina de Evora os «Padres Salesianos».

A cerimónia realizou-se pelas 15 horas no Salão nobre daquele estabelecimento de caridade e foi comovedor na sua singeleza, assistindo a ela os srs. Governador Civil do Distrito, Provedor da Casa Pia, Director Escolar do Distrito, Regente e demais pessoal superior da Casa Pia, além dos Salesianos que iam ser empossados.

O sr. Dr. Hipólito Fernandes Alvares começa de felicitar a acção da Comissão Administrativa e a

ótima iniciativa de confiar aos Salesianos, cuja actividade educativa é sobejamente conhecida no Oratório de São José desta cidade, a direcção da Casa Pia, completando assim a medida já tomada a respeito da Casa Pia Feminina.

Cumprimenta depois os Rev.^{os} Padres Salesianos e frisa que de ora-avante o Sr. P.^o José Maria Alves, como Regente, é o único mandatário da Comissão Administrativa naquela casa, e anuncia que a Casa Pia vai estender a sua actividade para além das Artes e Ofícios, à educação agrícola.

Aos serventuários o sr. Governador Civil afirma que está pronto, como a Comissão Administrativa, a resolver quaisquer casos pessoais atingidos pela reforma dos serviços.

Termina manifestando aos Rev.^{os} Padres a esperança e a certeza de que a mocidade da Casa Pia, sob a sua direcção, possa ser educada no ideal que o Marquês de Avila e Bolama sonhou ao fundá-la e que o Estado Novo quer realizar — fazer dos rapazes bons chefes de família.

O Rev. Padre Alves falou em seguida para agradecer a confiança depositada nos Salesianos, a quem, se preocupa a responsabilidade, alenta o orgulho de serem filhos do Apóstolo da Juventude — S. João Bosco — cuja protecção esperam, assegurando que farão todos os esforços por realizar o ideal do fundador da Casa Pia.

O sr. Eng.^o Vergílio Salvador Ricardo da Costa, Provedor da Casa Pia, agradeceu as palavras do illustre Chefe do Distrito, e depois de ter frisado que só é educador quem tem predisposição ou educação para o ser, elogia as qualidades pedagógicas dos Salesianos, a quem saúda efusivamente.

Finalmente o Sr. Dr. Manuel Moniz, médico da Casa, em nome de todos os funcionários daquelle es-

tabelecimento, aplaude a bela iniciativa e assegura aos Rev.^{os} Padres, cujo elogio tece, a mais franca e decidida colaboração de todos os empregados.

Todos os oradores foram muito aplaudidos, recebendo efusivos cumprimentos os Padres José Maria Alves e Francisco José Leite Pereira.

Também nós cumprimentamos cordialmente e, felicitando a Comissão Administrativa da Casa Pia, felicitamos a nossa cidade, que pode ufanar-se de ter à frente da sua primeira Casa de assistência aquêles que por todo o mundo tinham há 7 anos 120 escolas profissionais e 15.000 alunos internos distribuídos por 600 secções, prova de que estão às alturas do espírito pedagógico do seu ínclito Fundador».

* * *

Ao encerrar esta memória resumida da valiosa actividade salesiana em Portugal observamos com satisfação que esta tem progredido largamente, dando esperança de, num futuro próximo, muito mais vir a realizar.

Que a catástrofe hora a hora mais gigantesca, desencadeada sôbre o planeta, não perturbe a santa paz em que a obra salesiana vai operando os seus milagres de regeneração social, são os nossos votos e ainda são os de que essa obra de conquista das almas para Deus se multiplique, contribuindo para o robustecimento moral da Nação que, nas fôrças do espírito, irá encontrar a resistência precisa para enfrentar o embate das conseqüências fatalmente desastrosas da guerra mundial que nos afflige: guerra motivada pelo desencadear das paixões políticas e dos interêsses antagónicos dos homens, que esquecem Deus, e cujo poder de luta se multiplicou no aperfeiçoamento dos processos mecânicos que vão reduzindo o mundo a escombros, sôbre os quais está erecta a Cruz do Salvador.